

Representações Sociais da Tatuagem para Pessoas Tatuadas

Representaciones Sociales de Tatuaje para Personas Tatuadas

Social Representations of Tattoo for Tattooed People

Adriano Schlösser*Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Videira - SC/Brasil***ORCID:** 0000-0002-1728-1414**E-mail:** adriano.psicologia@yahoo.com.br**Andréia Isabel Giacomozzi***Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - SC/Brasil***ORCID:** 0000-0002-9529-4923**E-mail:** agiacomozzi@hotmail.com**Brigido Vizeu Camargo***Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis - SC/Brasil***ORCID:** 0000-0002-3172-5800**E-mail:** brigido.camargo@yahoo.com.br**João Fernando Rech Wachelke***Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia - MG/Brasil***ORCID:** 0000-0003-4364-8598**E-mail:** wachelke@yahoo.com**Resumo**

A tatuagem tem sido, atualmente, um dos fenômenos associados ao corpo mais propagados na contemporaneidade. O objetivo deste estudo foi identificar as representações sociais da tatuagem para pessoas com tatuagem de ambos os sexos. Foram realizadas 36 entrevistas individuais semi-diretivas, com tatuados de ambos os sexos, subdivididos em 12 categorias, de acordo com os seguintes critérios: sexo, tamanho da tatuagem e época em que realizou a primeira tatuagem. Foi realizada análise de conteúdo temático-categorial, com o auxílio do software Atlas.ti. Por meio da abordagem dimensional, constatou-se que a tatuagem é entendida como forma de externalizar no corpo algum significado importante, com motivos variados. As representações sociais adquirem um papel central na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamentos e de comportamentos, considerando que a história individual, motivações e relações interpessoais são permeadas por saberes, crenças e valores socialmente adquiridos.

Palavras-chaves: Tatuagem; Representações sociais; Psicologia social.

Resumen

El tatuaje ha sido uno de los fenómenos más extendidos asociados con el cuerpo hoy en día. El objetivo de este estudio fue identificar las representaciones sociales del tatuaje para personas con tatuaje. Se realizaron 36 entrevistas individuales semidireccionales, con individuos tatuados de ambos sexos, subdivididos en 12 categorías, de acuerdo con los siguientes criterios: sexo, tamaño del tatuaje y hora en que se realizó el primer tatuaje. Se realizó un análisis de contenido temático-categorial, con la ayuda del software Atlas.ti. A través del enfoque dimensional, se descubrió que el tatuaje se entiende como una forma de externalizar algún significado importante en el cuerpo, con motivos

variados. Las representaciones sociales adquieren un papel central en la elaboración de formas colectivas de ver y vivir el cuerpo, diseminando modelos de pensamientos y comportamientos, considerando que la historia individual, las motivaciones y las relaciones interpersonales están impregnadas de conocimiento, creencias y valores socialmente adquiridos.

Palabras clave: Tatuaje; Representaciones sociales; Psicología social.

Abstract

The tattoo has been, at the moment, one of the phenomenon associated to the body more propagated in

the contemporaneity. The purpose of this study was to identify the social representations of tattooing for tattooed people. Thirty-six individual semi-directive individuals interviews were conducted with individuals of both sexes, subdivided into 12 categories, according to the following criteria: gender, tattoo size and the time of the first tattoo. A thematic-categorical content analysis was performed, with the help of Atlas.ti software. Through the dimensional approach, it was found that the tattoo is understood as a means of externalizing some

important meaning in the body, with varied motives. Social representations acquire a central role in the elaboration of collective ways of seeing and living the body, spreading patterns of thought and behavior, considering that individual history, motivations and interpersonal relationships are permeated by socially acquired knowledge, beliefs and values.

Keywords: Tattoo; Social representations; Social psychology.

Introdução

Em todas as culturas e sociedades, a interferência no corpo através das práticas de modificação corporal constituiu-se como fundamental fonte simbólica, que comunica a experiência social e pertencimento grupal (Kemp, 2005). Por modificação corporal, compreende-se o conjunto de práticas relativas a quaisquer alterações e marcações no corpo, que altere permanentemente a aparência (Brooks, Woods, Knight, & Shrier, 2003), ou seja, que não seja removida naturalmente do corpo.

Atualmente, a prática de tatuagem como uma modalidade de modificação corporal, pode ser encontrada em diversos segmentos da cultura popular, em que artistas, músicos, atletas e demais celebridades do mundo do entretenimento as exibem, contribuindo com sua divulgação e naturalização (Carmen, Guitar, & Dillon, 2012; Tiggemann & Hopkins, 2011). Operacionalmente, a tatuagem é um procedimento realizado no corpo, que imprime uma marca permanente através de um desenho sob a superfície da pele, através da injeção de um pigmento na pele (Durkin, 2012; King & Vidourek, 2013; Kluger, 2014; 2015). Não obstante, a ancestralidade da prática de tatuagem remonta à milênios, sendo a informação arqueológica mais antiga encontrada de um corpo tatuado é de um corpo humano mumificado de 5.300 anos, datado de 2.500 a.C., chamado de Ötzi (homem do gelo) (Samadelli, Melis, Miccoli, Vigl, & Zink, 2015).

Pesquisas relacionadas ao fenômeno da tatuagem têm problematizado aspectos

psicológicos da prática na população mundial, como comportamentos de risco (Giles-Gorniak, Vandehey, & Stiles, 2016; Jennings, Fox, & Farrington, 2014; King & Vidourek, 2013; Pajor, Broniarczyk-Dyła, & Świtalska, 2015; Swami et al., 2016), e atratividade (Kierstein & Kjelskau, 2015), por exemplo. Em sua dimensão psicossocial, encontram-se estudos envolvendo percepção social, atitudes frente pessoas tatuadas, preditores de intenção de praticar modificação corporal, estigma frente a tatuagem, dentre outros temas correlatos (Baumann, Timming, & Gollan, 2016; Dickson, Dukes, Smith, & Strapko, 2014; Thompson, 2015). No tocante as pesquisas nacionais, observa-se a presença estudos psicológicos empíricos e teóricos relacionados a esse fenômeno (DeLuca, Grisci, & Lazzarotto, 2018; Ulnik, 2016; Macedo & Paravidi, 2015; Schlösser, Camargo, Giacomozzi, & Fiorott, 2019; Schlösser, Giacomozzi, Camargo, Silva, & Xavier, 2020).

Com o crescente interesse em tatuagem e aumento de sua prática, observa-se também uma alteração nas crenças, valores e atitudes sobre este fenômeno, em comparação com as décadas anteriores a 1980. Naquele período, as tatuagens se associavam principalmente a grupos marginalizados, e significavam uma forma de rompimento com as normas sociais (Swami et al., 2016). Atualmente, as tatuagens têm sido mais associadas a dimensão estética, bem como na busca pela singularidade, individualidade e pertença grupal (Moreira, Teixeira, & Nicolau, 2010; Tiggemann & Hopkins, 2011).

Do ponto de vista psicossocial, percebe-se uma transformação nos valores, crenças e

sentidos relacionados a prática de tatuagem. Há modificações também na forma como estas se inserem nos modelos contemporâneos de conceber o corpo como uma construção do sujeito em sua relação com o meio. Neste aspecto, a prática de tatuagem, em sua condição estética, de linguagem e individualização, liga-se diretamente nas representações sociais, que por sua vez apresenta-se como um fenômeno cuja particularidade se dispõe na relação entre social e o individual (Jodelet, Ohana, Bessis-Moñino, & Dannenmuller, 1982), tornando-se um relevante fenômeno de estudo para a psicologia social – incluindo as representações sociais como teoria de sustentação (Jodelet, 1984).

As representações sociais (RS) são compreendidas como o estudo científico do senso comum, uma forma de conhecimento específico, não sendo uma forma falha de conhecimento científico (Moscovici, 2003). Ela varia, de acordo com o contexto de relações sociais no qual as pessoas estão inseridos (Doise, 2011), dando sentido a realidade dos grupos sociais e influenciando em suas visões de mundo (Jodelet, 2001). A partir das representações, pode-se acessar a maneira como as pessoas compreendem determinado fenômeno e quais atitudes tomam frente a ela (Rouquette, 1998). Neste estudo, as RS adquirem um papel central na elaboração de maneiras coletivas de compreender a prática da tatuagem, difundindo modelos de pensamentos e de comportamentos, pois a tatuagem associada ao corpo pode trazer múltiplas representações na sociedade contemporânea, devido ao grande impacto e relevância nas vivências corporais da população.

Dentre as várias abordagens das RS, este estudo realizou suas análises a partir da abordagem dimensional. Moscovici (1981; 2012) propõe a concepção dimensional de RS, através da qual os conteúdos de uma representação se organizam em três dimensões: a informacional, a atitudinal e a de campo. A dimensão informacional refere-se tanto a quantidade quanto a qualidade de um determinado conhecimento compartilhado por um grupo social acerca de um objeto. A

dimensão atitudinal volta-se para a tomada de posição frente um objeto socialmente relevante para um grupo específico, seja favorável ou não. A dimensão campo refere-se aos conteúdos concretos e limitados das imagens e proposições de um objeto relevante para um grupo. Considerando a relevância científica e social do fenômeno, este estudo se propõe identificar as representações sociais da tatuagem para pessoas com tatuagem de ambos os sexos.

Método

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com corte transversal. O delineamento foi do tipo levantamento de dados, por meio de entrevistas semi-diretivas. A amostra foi composta por 36 participantes, divididos igualmente por sexo, com idades variando entre 18 e 75 anos [$M = 43,68$; $DP = 16,38$]. Com relação ao estado civil, 50% dos homens e 27,7% das mulheres declararam-se casados e/ou num relacionamento estável, seguido de ambos 27,7% divorciados, e 22,2% de homens e 38,8% de mulheres solteiras. Acerca da escolaridade, 66,6% dos homens e 77,7% das mulheres declararam possuir Ensino Superior Completo, e ambos com 16,6% Ensino Médio incidência. Todos os entrevistados são residentes de uma cidade litorânea de Santa Catarina, e não faziam parte de um grupo específico.

Procedimentos

O critério estabelecido para definir o número de participantes foi de saturação dos dados (Ghiglione & Matalon, 1997). Os participantes foram acessados por meio da técnica bola de neve (*snowball*), e incluídos por idade mínima de 18 anos e possuir tatuagem. Foi utilizada a entrevista individual semi-diretiva, sendo abordados os seguintes temas: atitudes e reflexões sobre tatuagem e/ou pessoas tatuadas antes de realizar uma tatuagem; motivação para realização da primeira tatuagem; significado(s) da(s) tatuagem(ns); autopercepção estética e comportamental após a realização da tatuagem;

e locais do corpo e significado. O roteiro de questões foi elaborado pelos pesquisadores, com base no objetivo da pesquisa. Ao final da entrevista, os participantes responderam questões de caracterização da amostra (idade, profissão, e escolaridade). As entrevistas transcritas foram submetidas a análise de conteúdo temático-categorial (Bardin, 2011) com o auxílio do *software* Atlas.ti (Muhr, 2004), que auxilia na organização das informações para análise de dados qualitativos (Silva Junior & Leão, 2018) sendo propostas categorias a partir dos dados, posteriormente organizados em eixos temáticos.

As entrevistas foram categorizadas em 12 subgrupos definidos *a priori*, contando com três participantes em cada, apresentadas na Tabela 1. A Tabela 1 apresenta os subgrupos divididos por sexo, tamanho da tatuagem e período cronológico de realização da tatuagem, considerando os dados de pesquisas anteriores que apontam motivações de natureza mais contranormatiza até a década de 1990, e com predominância mais estética a partir dos anos 2000 (Burdall, Longworth, & Nyugen, 2014; Kossida, Rigopoulos, Katsambas, & Anderson, 2012).

Tabela 1

Categorias de análise dos participantes, de acordo com o sexo, tamanho de tatuagem e época de realização

Categorias		Sexo	Categorias		Sexo
		<i>Masculino</i>			<i>Feminino</i>
Categorias 1 e 2	Idade entre 18 e 39, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s) realizadas a partir dos anos 2000.		Categorias 7 e 8	Idade entre 18 e 39 anos, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s) realizadas a partir dos anos 2000.	
Categorias 3 e 4	Idade acima de 40 anos, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s) realizadas a partir dos anos 2000.		Categorias 9 e 10	Idade acima de 40 anos, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s) realizadas a partir dos anos 2000.	
Categorias 5 e 6	Idade acima dos 40 anos, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s), que tenham realizado a 1ª até os anos 90.		Categorias 11 e 12	Idade acima dos 40 anos, com tatuagem(ns) pequena(s) e grande(s), que tenham realizado a 1ª até os anos 90.	

Nota: Tabela elaborado pelos autores

O projeto obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob protocolo n. 1.353.995. Todas as diretrizes éticas foram seguidas, seguindo as normas da resolução do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais.

Resultados

A análise temático-categorial identificou 3 grandes campos temáticos do

conteúdo das entrevistas: Motivações, Aspectos individuais e autopercepção de comportamentos pós-tatuagem. Tais campos se referem a construção representacional dos participantes frente a tatuagem. A Tabela 2 apresenta a frequência de citações nos grupos, colaborando assim para a construção do processo de análise temático-categorial.

Tabela 2

Análise temático-categorial das entrevistas em profundidade.

Categorias	Unidades de Registro	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Grupos	Geral
		1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	
Motivações	Auto-expressão	05	03	06	02	03	04	23
	Influência de outros	02	02	02	05	03	06	21
	Homenagem	00	02	00	03	04	04	13
	Pertencimento grupal	02	02	02	00	01	06	13
	Estética	02	00	03	03	00	04	12
	Arte corporal	01	01	00	03	01	02	08
	Exibir para os outros	01	01	02	02	00	01	07
	Diferenciação	01	01	00	00	01	03	06
	Vício	01	01	00	01	01	01	05
	Proteção	00	00	01	01	02	00	04
	Rebeldia	01	01	01	01	00	00	04
	Impulsividade	00	00	03	01	00	00	04
	Manifestação de masculinidade	02	00	01	00	00	00	03
	Moda	00	01	00	00	00	02	03
	Manifestação de feminilidade	00	00	00	00	01	01	02
	Status social	00	00	02	00	00	00	02
	Identificação	00	01	00	00	00	00	01
Total		19	15	23	21	17	28	125
Aspectos individuais	Área do corpo	06	05	03	04	05	06	27
	Tatuar-se mais	05	02	03	05	04	04	23
	Medo- dor	03	02	04	04	01	01	15
	Momento de vida	01	06	00	01	04	03	15
	Mídia	03	03	06	00	02	01	15
	Saúde	01	00	06	00	01	04	12
	Religião	04	03	00	00	00	02	09
	Relações sociais	04	00	01	03	00	00	08
Total		27	21	23	17	17	21	126
Autopercepção de comportamentos pós-tatuagem	Mudança positiva	08	06	03	05	05	05	32
	Pós-tatuagem	03	04	01	03	03	02	16
	Atração	04	00	02	04	04	02	16
	Tamanho	02	01	02	04	03	05	17
	Local do corpo	00	00	02	03	02	01	08
	Total		17	11	10	19	17	15

Nota: Tabela elaborado pelos autores

Campo temático 1: Motivações

Este campo apresenta as principais motivações dos participantes em realizar suas tatuagens, e por conseqüência, maior visibilidade da dimensão campo das RS da tatuagem, tatuando imagens que expressariam algum traço de personalidade, sentimento ou vivência:

Eu acho o tigre um animal que me passa força, coragem, a ponto de que tem momentos que estou em alguma situação difícil, e eu olhar pra ela, e

ela me passa força, inspiração. (P10, Grupo 6).

Para diversos participantes, não existe uma motivação única, principalmente entre pessoas com mais de uma tatuagem. Uma única tatuagem pode ter mais de uma motivação, assim como múltiplas tatuagens podem ter motivações diferenciadas, conforme se manifestaram nos excertos a seguir: “é uma identificação, uma obra de arte na minha pele, uma forma de expressar quem eu sou” (P2, Grupo 4).

A tatuagem como forma de auto-expressão, apresentou maior número de citações, sendo realizada para externalizar alguma característica pessoal, como personalidade, emoções, valores ou história de vida:

Pra mim, tatuagem é uma forma de externar (...) você quer externar e compartilhar com os outros, pras outras pessoas verem e se identificarem de certa forma (...). (P1, Grupo 2).

Ter sido influenciado por outra(s) pessoa(s) foi a segunda motivação mais apresentada, principalmente por um (a) parceiro (a) amoroso, seguindo de amigos:

As minhas duas primeiras foi por influência da minha namorada na época, ela tinha várias, mas foi de forma indireta, porque ela fazia, eu achava o máximo. (P9, Grupo 7).

Uma motivação própria das participantes mulheres foi o desejo de homenagear alguém, sendo o vínculo familiar o mais citado:

Eu escolhi a frase e o desenho em função dos meus filhos, que diz o que eu sinto em por eles (...). (P22, Grupo 8).

A ideia da tatuagem como arte corporal também teve ligeira predominância para o sexo feminino, manifestando-se de formas variadas, como: associação da tatuagem por um gosto da infância por desenhos:

(...) O fato de ver muito desenho quando era criança, de gostar de desenhar, eu via a galera com tatuagem, com aquelas tatuagens de chiclete, tudo isso foi influenciando na minha infância. (P8, Grupo 6).

Ou o corpo como tela de arte: “(...) Você está criando no seu corpo alguma forma de arte (...)” (P12, Grupo 7).

As motivações para realizar uma tatuagem por pertencimento grupal, estética, exibir aos outros e diferenciação estiveram presentes de modo igualitário entre os grupos. O pertencimento grupal nas tatuagens esteve associado aos seguintes grupos: pertencimento familiar: “você vê o apoio que sua família te dá e aquilo eu achei que tinha que marcar em mim (...)” (P1, Grupo 1); grupos profissionais: “(...) é o símbolo do meu grupo tático que faço parte” (P1, Grupo 1); grupos esportivos/recreativos: “lá eu vi muita gente tatuada com o símbolo deles, e pensei que queria fazer parte desta tribo” (P2, Grupo 3), e grupos de amizade: “ano passado fiz uma nova tatuagem com outras três amigas, em sinal da nossa amizade (...)” (P19, Grupo 10).

A motivação estética, embora pouco citada, apresentou diferentes interpretações de acordo com as gerações dos participantes. Os participantes mais jovens relataram tatuar-se apenas pela conotação estética do desenho:

Ai eu decidi fazer a segunda, que é uma das poucas que para mim é apenas estética, não significa nada, só uma ideia que eu tive e achei que ficaria legal. (P12, Grupo 2).

Os que se tatuaram antes da década de 90 não associaram tatuagem com estética, mas como sinal de respeito e status:

Quando eu fiz a minha primeira, eu via os caras com tatuagem, contavam a maior vantagem, você chegava em algum lugar, viam que você tinha e respeitavam. (P6, Grupo 6).

Observou-se a gradativa alteração do estereótipo da tatuagem ao longo da história de vida dos participantes. Embora parte da contracultura, com o desenvolvimento das tatuagens artísticas, a questão estética passou a influenciar em sua prática e disseminação:

(...) E quando cheguei lá o pessoal começou a achar lindo, porque as que se faziam na época eram umas borradas de cadeia, e essa, pra época, era linda. Eu não queria mais fazer,

mas quando eu cheguei em casa e as pessoas começaram a elogiar muito, aí eu queria mais (...). (P6, Grupo 6).

Enquanto alguns participantes apontaram estereótipos negativos de tatuagens apenas com finalidade estética: *“Uma pessoa que se tatua apenas pra ficar bonita não entende o que é tatuagem”* (P22, Grupo 11), outras fizeram uma associação positiva direta: *“Pra mim tatuagem é totalmente ligada a estética, parece que dá um aspecto diferente na gente (...).”* (P33, Grupo 1).

A necessidade de exibir a tatuagem aos outros se apresentou como motivação secundária, intrinsecamente relacionada com a dimensão estética. Ela possuiu importância tanto na localização da tatuagem no corpo quanto como um dos objetivos para possuir uma tatuagem:

E eu fiz pra todo mundo ver, porque eu vou fazer uma escondida? Se eu vou fazer é para aparecer. (P13, Grupo 6).

Campo temático 2: Aspectos Individuais

Este campo temático apresenta a gênese informacional sobre as RS da tatuagem, trazendo as primeiras influências sobre a concepção dos participantes acerca da tatuagem, e como foram formulando seus saberes, valores, crenças e atitudes:

(...)Eu sou do Rio Grande do Sul, e lá é muito radical essa educação, então uma pessoa com tatuagem na minha adolescência era considerado um pederasta, e minha família sempre passava isso em nossa educação. (P2, Grupo 3).

Também engloba o processo de alteração dessas representações. As relações com pessoas tatuadas foram o motivo mais citado para as alterações representacionais e decisão em realizar uma tatuagem:

Na época eu tinha um namorado que tinha tatuagem, achava massa, achava um máximo, e eu queria uma

tatuagem também, começou daí, e eu gostei também. (P29, Grupo 11).

Além da gênese informacional, identificou-se o impacto da tatuagem nas relações interpessoais, manifestando-se com maior evidência a dimensão atitudinal, por meio dos relatos de momentos de vida que levaram a realização da tatuagem. Também se identificaram temas que envolvem questões pessoais e identitárias dos participantes, sendo a área do corpo a mais citada, apontando uma preocupação variadas frente a escolha da área do corpo a ser tatuada. Os motivos que surgiram foram: estética: *“Eu escolhi o local da minha tatuagem por estética, fiquei perguntando pra muita gente onde ficava mais legal”* (P6, Grupo 7); preocupação em esconder: *“Eu pensei nas minhas tatuagens pelo fato de poder esconder, tanto que eu queria fazer em outros lugares (...).”* (P23, Grupo 7); ou em exibir: *“Eu fiz no antebraço porque eu gosto de exibir minhas tatuagens”* (P13, Grupo 6); área corporal associada ao tamanho da tatuagem ou harmonização:

A tatuagem tem muito a ver com o local, porque depende do desenho fica bom em um lugar e não no outro. (P33, Grupo 11).

Preocupação em guardar para si: *“Minhas tatuagens estão escondidas e eu gosto assim, eu faço pra mim, e não pra mostrar pras pessoas”* (P16, Grupo 5); área do corpo associada com significado: *“fiz na panturrilha porque a panturrilha é a marca de todo corredor, você identifica um corredor pela panturrilha”* (P10, Grupo 3); dor: *“escolhi a parte detrás do braço primeiro porque procurei os locais que doíam menos”* (P31, Grupo 1); e poder ou não enxergar a própria tatuagem: *“E eu fiz em um lugar que eu consigo ver o tempo todo, porque eu gosto e acho bonito”* (P29, Grupo 11).

Além disso, foi citado por alguns participantes que a área do corpo seria um dos fatores que pode influenciar preconceitos. Quanto mais visível, maior a possibilidade de

enfrentar situações de discriminação ou preconceito:

Acho que tamanho é uma referência com relação ao que as pessoas vão pensar sobre a tatuagem, porque se eu tivesse uma que fecha meu antebraço inteiro eu acho que seria agressiva pras pessoas olharem. (P23, G7).

Com relação ao medo de tatuar-se, alguns participantes apresentaram três elementos: o medo da doenças, do arrependimento e da dor. Com relação ao medo de doenças, foi verificado em entrevistas de participantes mais velhos que tatuaram-se atualmente, trazendo assim antigos estereótipos associados à tatuagem: “*Eu sou do tempo da década de oitenta, onde começou aquele processo de aparecimento de HIV, então sempre tinha medo*” (P2, Grupo 3), “*Ai eu pensava que não poderia doar mais sangue*” (P34, Grupo 4). O medo de arrependimento foi apresentado antecedendo a realização da tatuagem, devido a ideia de permanência desta no corpo:

(...) E eu fiquei desenhando muito tempo, não conseguia me decidir, ficava com medo de tatuar, pensava que nunca mais eu poderia tirar. (P23, Grupo 1).

O medo da dor foi um dos principais motivos que os participantes relataram relutar em tatuar-se, havendo assim uma busca por locais que doam menos: “*Eu não tenho coragem de fazer mais porque pra mim é dor*” (P31, Grupo 1).

Eu escolhi minha primeira tatuagem pra ser na nuca porque eu tinha muito medo da dor e me disseram que não doía muito. (P21, Grupo 10).

Participantes que fizeram tatuagens antes da década de 90 relataram que, em sua época, fazer tatuagem doía mais, devido a utilização de agulhas, sendo esta dor associada desde então à resistência e força:

Só que quando eu fiz essa eu pensei em nunca mais fazer, porque naquela época doía demais, o cara colocava a agulha fundo e doía muito, por isso era um símbolo de resistência mesmo, e era assim pra durar toda a vida. (P6, Grupo 6).

A associação da tatuagem a dor e respeito manteve-se para participantes mais jovens, com tatuagens grandes:

Pra mim é uma questão de aguentar a dor. Se você aguenta aquela tortura, você aguentaria muito mais coisa, então vejo como uma superação (...). (P11 Grupo 8).

A mídia apresentou-se como uma importante propulsora nas práticas de tatuagem, em sua prática contemporânea. Para o grupo de tatuados com tatuagens antigas, verifica-se que a partir da década de 80, a mídia passou a ter maior impacto na procura por estilos de tatuagens, iniciando o processo de alteração de antigos estereótipos:

Na época tinha uma novela que havia um personagem chamado Nando, de uma novela de 1983 chamada Guerra dos Sexos que tinha tatuado no peito um sol com uma gaiivota, e ai a turma chegava e foi o que mais tatuamos. Os homens chegavam, e pra dizer que não queriam igual, primeiro pediam um sol, e no final pediam pra colocar a gaiivota. (P14, Grupo 6).

Inclusive foi ele que tatuou o cara que deu origem a música menino do rio, da Baby Consuelo de 1980, que depois virou febre dos rapazes quererem uma tatuagem de dragão no braço, em função dessa música. (P14, Grupo 6).

Outra associação midiática da tatuagem deu-se através de bandas de rock. Os artistas apresentavam-se com um visual considerado como *underground*, sendo posteriormente reproduzido pelos adeptos deste estilo:

E como eu era do mundo da música, da arte, eu queria ter tatuagem, porque olhava meus ídolos e queria ter tatuagens iguais, porque me identificava com eles. (P19, Grupo 10).

Na atualidade, a mídia passou a apresentar, gradativamente, personalidades que possuíam tatuagem, passando a servir de referencial para as novas gerações:

Já via algumas pessoas na televisão tendo tatuagem, e começou a popularizar, mas havia uma distância muito grande entre essas pessoas e a minha vida. (P3, Grupo 3),

Teve uma BBB famosa que tinha uma fênix nas costas, e muitos amigos meus fizeram uma fênix igual. Outra foi o “The Rock”, parece um carimbo. (P7, Grupo 5).

A tatuagem relacionada ao momento de vida foi um dos temas apresentados principalmente nos grupos de participantes tatuados a partir dos 40 anos de idade, de ambos os sexos. Observou-se que a tatuagem serviu para manifestar uma nova fase de vida: *Quando eu me separei, fiz minha primeira tatuagem seis meses depois. (P21, Grupo 10).*

Quando cheguei aos cinquenta, me aposentei, e a gente faz uma avaliação da vida, o que deu certo, o que não deu, e isso da tatuagem começou a me chamar atenção, eu quis fazer uma experiência nova na minha vida, marcar algo importante. (P9, Grupo 9).

Para os jovens, a tatuagem enquanto momento de vida foi apresentada como uma forma de memorizar momentos significativos. As memórias passam a ser materializadas no corpo como forma de externalizar sofrimentos ou lembrar de sentimentos:

E com as minhas tatuagens eu lido com as minhas cicatrizes também, tipo cada cicatriz que eu tenho vira um

catalisador de memória pra mim (...) e isso é muito legal na nossa pele, porque ela marca a nossa história. (P23 Grupo 2).

Eu decidi tatuar uma frase que representava esse momento da minha vida, que é a frase de Sócrates que eu tatuei em grego, que é justamente o que eu sentia naquele momento. (P2, Grupo 2).

Ainda para os grupos de tatuados antes da década de 90, tanto homens quanto mulheres, a temática dos cuidados em saúde se problematizou. Apenas 2 entrevistados do grupo de tatuados a partir dos anos 2000 não fizeram tatuagens em estúdios, com o rigor de assepsia necessária. No caso dos participantes tatuados antes da década de 90, essa prática era comum:

Quando eu fiz a minha primeira, em 1970, eu fiz de empolgação (...) e nessa de adolescente ingênuo o cara me desenhou uma rosa na mão, mal feita, feita com agulha mesmo (...). (P6 Grupo 6);

A minha primeira foi com dezessete anos, a naja que eu fiz com agulha, e depois eu achei um cara, ele só usava uma agulha pra todo mundo, não existia descartável, e naquela época ainda não se falava em AIDS (...). (P7 Grupo 6).

O aspecto religioso foi mais citado entre os grupos com participantes homens que se tatuaram após a década de 90. A religião se apresentou nas entrevistas como um fator proibitivo a prática da tatuagem:

Eu sou evangélico, e na Bíblia diz que não podemos nos tatuar (...) então tudo que você faz contra seu corpo é ruim” (P4, Grupo 3),

Minha mãe até disse que não era coisa de Deus, que Ele fez um corpo limpo e não era pra sujar (P25, Grupo 11).

Outro fator presente nas entrevistas, com ênfase nos participantes dos grupos de tatuados jovens, foi a influência da tatuagem nas relações sociais. Verificou-se que a tatuagem atua como um facilitador social nas relações interpessoais, servindo de meio para estabelecer vínculos:

Esse negócio de você entender o porquê a pessoa tatuou aquilo, deixa eu ver seu desenho, o que significa pra você, você começa a conhecer mais as pessoas. De repente você não tem tanto convívio, e se ela te dá a oportunidade de você conversar sobre a tatuagem. (P1 Grupo 2);

Essa tatuagem serve como filtro, porque eu consigo na hora achar uma pessoa que tem um repertório parecido com o meu, ou alguém que eu vou conseguir trocar uma ideia numa boa. (P23 Grupo 2).

Campo temático 3: Autopercepção e comportamentos pós-tatuagem

Esta categoria apresenta conceitos temáticos de autopercepção e mudança de comportamento após a realização da tatuagem. Verificou-se que os participantes consideraram que ela foi realizada como consequência de situações de vida:

Eu percebi que mudei antes de fazer a tatuagem, ela foi uma consequência. Mudei antes de fazer a tatuagem, e ela foi o resultado dessa mudança, ela marcou uma mudança. (P22 Grupo 9).

Identificaram-se as práticas sendo realizadas após a existência de conteúdos representacionais. A tatuagem aparece como uma forma de materialização externa de uma mudança interna:

A tatuagem foi um momento que marcou uma fase da minha vida. Não foi ela que me mudou, mas ela fez parte da mudança, alterou como me vejo e até como me comporto. (P3, Grupo 3).

Houve também casos em que foi relatada a percepção de mudança de comportamento em função da tatuagem. Isso foi identificado nos participantes com tatuagens com grande visibilidade no corpo: “*me vi diferente, e meus comportamentos mudaram também. Me senti mais confiante, mais aberto a novas experiências, aberto pra vida*” (P11, Grupo 4). Em algumas ocasiões foram relatadas apenas mudanças de sentimentos: “*eu acho que o que mudou foi meu modo de ver a vida, me sentir mais livre*” (P36, Grupo 9).

A autopercepção foi apontada pela maioria dos participantes como alterada, a partir da realização da tatuagem. Segundo eles, ela altera positivamente a visão sobre si mesmos, considerando-se mais atraentes e/ou com algum atributo de personalidade manifesta considerada importante:

Me mudou e melhorou, no sentido de me olhar no espelho e achar bonito. A primeira coisa que eu olho quando me vejo no espelho são minhas tatuagens. (P21, Grupo 10).

A perspectiva da posse individual do corpo como justificativa para fazer tatuagens também se manifestou: “*A pele é minha, o corpo é meu, eu faço o que eu quiser (...)*” (P13, Grupo 7).

A questão da atração também foi evidenciada, indo desde a atração pessoal: “*As minhas duas tatuagens tiveram conotação estética e eu me sinto mais bonita com tatuagem*” (P14, Grupo 7) e interpessoal,

A única coisa diferente que mudou na minha vida por ter várias tatuagens agora são mais mulheres atraídas por mim, eu fico mais atraente com tatuagens. (P12, Grupo 2).

Um dos pontos ressaltados pelos participantes foi a estética da tatuagem na atração. O enfoque, nesse caso, é a beleza da própria tatuagem, bem como a área do corpo onde está a tatuagem:

Mas sobre a questão da beleza eu acho muito importante, porque eu avalio muito a qualidade dos desenhos. Então tem tatuagens que eu acho os desenhos muito bonitos, e eu acho que isso tem alguma relação com a estética. (P31, Grupo 1).

Eu acho bonito um homem com o braço todo tatuado ou os dois braços, talvez o peito, mas quando é demais eu não acho bonito, acho feio, mas eu respeito. (P17, Grupo 7).

(...) eu acho muito bonito mulheres com tatuagens abaixo dos seios ou acima dos seios, acho muito bonita. (P31, Grupo 1).

Para alguns participantes, a área e tamanho do corpo são fatores que pode influenciar em preconceitos. Quanto mais visível, maior a possibilidade de enfrentar situações de discriminação ou preconceito:

Acho que tamanho é uma referência com relação ao que as pessoas vão pensar sobre a tatuagem, porque se eu tivesse uma que fechasse meu antebraço inteiro eu acho que seria agressivo, pras pessoas olharem, principalmente para a minha família. (P23, G7).

Com relação a visibilidade das tatuagens, estes locais também foram apontados como espaços a serem tatuados quando houver uma maior certeza do que se quer:

Eu gosto de tatuagens nas costas, na panturrilha, e como são lugares visíveis e eu gosto desses lugares eu quero guardar pra ter certeza absoluta do que eu quero. Então os lugares visíveis eu quero guardar pra quando tiver certeza absoluta. (P17, Grupo 7).

A visibilidade da tatuagem também pode ser um fator associado à mudanças na autopercepção e comportamento:

Sobre meu corpo eu acredito que se eu tivesse feito uma tatuagem no ombro teria mudado, porque eu não gosto dos meus braços, eu não gosto de expor eles, então se eu tivesse uma tatuagem ali seria mais livre”. (P26, Grupo 9).

Como as outras eram fáceis de esconder, elas não tiveram muita influência. Agora essa minha do antebraço muita pessoa olha, e eu sinto que eu represento algo diferente pra essas pessoas, e no meu conceito me agrega valor. Assim como eu vejo nos outros a força, eu imagino que os outros vejam em mim (...). (P9, Grupo 5).

Discussão

Partindo da perspectiva dimensional das RS, verificou-se o processo de construção das RS da tatuagem dos participantes, que surgem de sistemas representacionais pré-existente, ou seja, de RS da tatuagem já consolidadas pelos grupos sociais nos quais os entrevistados fazem parte. A primeira dimensão verificada destina-se a dimensão informação, em que as primeiras informações que os participantes tiveram a respeito da tatuagem, proveniente de seus grupos de pertencimento – principalmente grupo familiar - foram baseadas em estereótipos outrora associados aos sujeitos que se tatuavam: presidiários, prostitutas, bandidos, marginais, etc. Sabe-se que o contexto de formação destas RS estereotipadas teve origem no processo de ocidentalização da tatuagem (Netto, 2011), evocando conteúdos pejorativos de ilegalidade e, conseqüentemente, de maior maior preconceito.

A dimensão campo também se manifestou nas falas sobre a formação das RS da tatuagem, através de imagens transgressoras, aonde o tatuado é visto como sujeito que infringe as normas sociais, estando ele a margem da sociedade e considerado um sujeito com comportamentos desviantes. Sabe-se da importância das imagens na construção e

manutenção de RS (De Rosa & Farr, 2001; Moscovici, 2012).

Considerando que todas as dimensões se influenciam de modo recíproco, a dimensão campo associada à transgressão, bem como a dimensão informacional tiveram influência na dimensão atitudinal. Nos grupos de pertencimento primários (como o contexto familiar), verifica-se uma atitude desfavorável em relação a tatuagem, presentes na Categoria Aspectos Individuais, em que a dimensão afetiva, associada com informações, poderia prever orientações comportamentais (Fishbein & Ajzen, 1975), neste caso, discriminação.

Tornar concreto o que é abstrato, elemento fundamental do processo de objetivação (Trindade, Santos, & Almeida, 2011), ocorre dentro do contexto da tatuagem na medida em que a tatuagem passa a concretizar os valores propostos pela contracultura, demarcando também uma categoria social – a de tatuados -, em oposição aos modelos sociais tradicionais e conservadores. No momento em que os participantes privilegiam informações que lhes sejam pertinentes a respeito da tatuagem – como *status* intragrupo ou rebeldia - em detrimento de outras – como marginalidade ou prostituição, percebe-se uma dissociação dos conteúdos originais e associação aos conhecimentos pessoais e de seus grupos, ajustando os novos saberes e modificando a estrutura original, característica essa associada ao processo de objetivação (Moscovici, 2012).

A partir disso, os participantes ancoram a tatuagem a desenhos já familiares em seu contexto, que tenham alguma associação aos valores que almejam expressar, ou com associação aos antigos estereótipos de tatuados, como: serpente, âncora, caveiras, facas, flores, cruces, dentre outras desse gênero. O processo de ancoragem ocorre mediante a incorporação de novos elementos referentes a um objeto, em um sistema de categorias já familiar, possibilitando as pessoas conectar o objeto representacional em seu sistema de valores pessoais (Trindade *et al.*, 2011).

A noção de transgressão de normas – sociais ou familiares – também se apresenta como uma especificidade funcional das RS da tatuagem, isto é, contribuiu na formação e orientação de condutas e nas comunicações sociais, sendo este um importante critério de verificação da existência de uma RS (Moscovici, 2012). Embora a proposta da tatuagem associada com a transgressão diminua ao longo da década de 90 e principalmente ao longo do século XXI, conforme se manifesta ao longo das entrevistas -, dando lugar a novos elementos constituintes, permanece o impacto das RS da tatuagem na organização das condutas e na comunicação entre as pessoas (Moscovici, 2012).

O processo de transformação de elementos representacionais da tatuagem associados a marginalidade e transgressão possui dois marcos significativos, que podem ter tido influência sobre a opinião da população: a modernização das práticas da tatuagem, e o impacto da mídia associando a tatuagem com a estética (Pierrat, 2000). Por meio da conotação estética dos desenhos das tatuagens, cresce o número de simpatizantes, embora ainda as RS estereotipadas acerca da tatuagem estivessem num grau superior a própria arte, ou seja, ainda que o desenho pudesse ser esteticamente bonito, a pessoa tatuada ainda cabia os estereótipos de marginalidade.

Ante a propagação desse novo modelo associado a tatuagem, as atitudes, opiniões e estereótipos passam por um processo de transformação e reconfiguração. A estrutura das mensagens emitidas pelos veículos de comunicação elaboram novos modelos sociais e tomadas de decisão, por meio tanto do vínculo entre emissor e receptor quanto do comportamento em foco (Moscovici, 2012).

Para os participantes que não aderiram a prática da tatuagem derivada dos processos de objetivação e ancoragem associando tatuagem com transgressão, a dimensão estética torna-se uma nova forma de ancoragem que, aliada a maior quantidade de sujeitos aderindo com a prática da tatuagem, passa a servir como

justificativa de guia para a decisão por tatuar-se, objetivando a tatuagem como modelo estético e ancorando-a em categorias onde o corpo esteticamente belo seja relevante. Esta nova identidade cultural da tatuagem, proveniente da difusão do elemento concreto materializado na imagem de “corpo belo” trouxe uma mentalidade grupal diferente. Este processo de alteração de elementos nos valores e atitudes frente a tatuagem também manifesta o caráter essencialmente dinâmico das RS, construída na interação, dentro dos grupos sociais (Moscovici, 1988).

Conforme se verifica entre os participantes que realizaram tatuagem a partir do séc. XXI, houve uma transformação na natureza e finalidade no ato de se tatuar, sugerindo assim mudanças nos valores da tatuagem no cenário contemporâneo. As motivações subjacentes a tatuar-se se multiplicaram, indo desde formas de auto-expressão por meio de imagens – tais como: expressar uma opinião ou valor, uma característica de personalidade, um atributo significativo ou uma lembrança de vida – até forma de diferenciação, homenagens, grupos de pertencimento, manifestação de arte e outros atributos considerados importantes para serem tatuados na pele.

O processo de construção desse novo modelo de adesão a representações e práticas da tatuagem passa, inicialmente, pelo mesmo contexto dos participantes que se tatuaram entre as décadas de 1960 a 1990, em que seus grupos de pertencimento inicial apresentam estereótipos preconceituosos frente pessoas tatuadas. Observa-se que, num primeiro momento, a reprodução das opiniões e atitudes partilhadas dentro dos seus grupos de pertença, sendo ela, via de regra, negativamente estereotipadas. A partir do contato com pessoas e contextos que aderem a tatuagem, somando-se as experiências individuais de suas histórias de vida, os conteúdos sobre o objeto tatuagem passam a ser ressignificados, dando origem a novos saberes com valoração positivas da tatuagem, guiando as práticas dos participantes na busca por tatuar-se.

Ao ter contato com grupos em que a prática da tatuagem é positivamente avaliada, e conhecendo os motivos que levaram as pessoas a tatuarem-se, os participantes reconfiguram seus valores, e agregam traços individuais na escolha da tatuagem (Deschamps & Moliner, 2014). A tatuagem passa a ser uma construção individual e social a medida que expressa uma característica pessoal, mas que o categorize dentro de um quadro socialmente aceito, dando-lhe uma identidade coletiva (Sabino & Luz, 2006).

A preocupação com o trabalho também se mostra como um elemento estereotipado sobre a tatuagem que ainda influencia na decisão de se tatuar, na escolha do local e no tipo de desenho. Embora as RS da tatuagem estejam em processo de alteração, os participantes ainda consideram que exista conteúdos estereotípicos associados a ela e importam-se com o impacto que estes conteúdos possuem. Embora existam interações de referência, que tem maior impacto na determinação de uma opinião, as interações menos importantes, provenientes de antigas afiliações, não são esquecidas, mas integradas aos novos modelos de referência (Doise, 2011).

As características individuais/identitárias também se verificaram nas análises, trazendo um dado pertinente para a análise da gênese e reprodução das RS da tatuagem, demonstrando o papel da interface entre as dimensões grupal e identitária na produção de RS (Deschamps & Moliner, 2014). Para Souza Filho (1996), a elaboração social do conhecimento ocorre através da atividade de um sujeito individual cognoscente e a que ocorre em grupos de pertencimento significativos em sua vida. Tratando os tatuados como um grupo social, embora partilhem valores, crenças e atitudes semelhantes, verifica-se que não identificam a prática da tatuagem como consequência social, mas de traços de ordem pessoal, pois suas motivações são entendidas como provenientes de experiências pessoais. Ao entrar em contato com interações sociais onde a tatuagem é apresentada positivamente, passam a construir

um modelo onde o seu “eu” possa ser representado através de uma imagem. Este fenômeno ocorre, eminentemente, no contexto social, tendo em vista as RS são orientadas para a comunicação, compreensão e controle do entorno social (Jodelet, 1984).

A partir daí, passa a tomar forma a identidade social como forma de percepção do sujeito como semelhante ou diferente em grupos ou categorias (Deschamps & Moliner, 2014). Isso poderia explicar, por exemplo, porque alguns participantes consideram a tatuagem como conseqüência, e não como causa de mudanças comportamentais, bem como explicaria os processos de resignificação de RS estereotipadas para a adesão a prática da tatuagem.

Embora não percebam mudanças comportamentais, os participantes apontam que sua autopercepção alterou positivamente, seja na dimensão estética quanto em atributos de personalidade ou na percepção do outro sobre si. Segundo Tajfel e Turner (1979), as pessoas tendem a se esforçar para preservar ou promover a estima de si mesmos. Até mesmo os participantes que tatuaram-se entre os anos 1960 à 1980 as realizavam, pois havia em seu entorno social alguma forma de reforçamento. A autopercepção e posse de si serve de justificativa para tatuar-se. Este corpo, simultaneamente social e individual, traz a tona RS do corpo e da beleza, em que a imagem corporal é sinônimo de aceitação, indicando que a tatuagem têm sido relegada a este nível de evidência na contemporaneidade.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi identificar as representações sociais de pessoas tatuadas sobre tatuagem. Fazendo uso da abordagem dimensional, foi possível captar o processo de construção individual a respeito da tatuagem, iniciada com as informações iniciais baseadas em RS estereotipadas, normalmente provenientes de grupos familiares, e posteriormente desconstruída e alterada por meio do contato com pessoas e/ou grupos adeptos ou entusiastas da prática da tatuagem. A partir desse momento, representações identitárias passam a se manifestar, através de motivações próprias das experiências individuais, influenciando assim tanto na autopercepção quanto nas relações interpessoais. Os dados sugerem que o processo de transformação das RS estereotipadas ocorre por meio do contato com relações interpessoais e grupos de praticantes/adeptos da tatuagem, que resignificam os antigos elementos representacionais estereotipados a que foram expostos, agregando novos saberes e valores.

Como limitações deste estudo, pode-se identificar o alto nível de escolaridade dos participantes, embora esta variável não tenha sido intencional, o que representa uma limitação na análise, devido as características sociais envolvidas. Outro ponto refere-se a amostra de conveniência, que não permite a generalização dos dados. Sugere-se para estudos futuros amostras com estratos populacionais mais diversificados, levando a maiores aprofundamentos frente as características específicas que podem, conseqüentemente, trazer novas representações sociais, frente grupos diferenciados.

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Baumann, C., Timming, A. R., & Gollan, P. J. (2016). Taboo tattoos? A study of the gendered effects of body art on consumers' attitudes toward visibly tattooed front line staff. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 29, 31–39. doi: [10.1016/j.jretconser.2015.11.005](https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2015.11.005)
- Brooks, T.L., Woods, E.R., Knight, J.R., & Shrier, L.A.(2003). Body modification and substance use in adolescents: is there a link? *Journal of Adolescence Health*, 32(1), 44-49. doi: [10.1016/S1054-139X\(02\)00446-9](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(02)00446-9)

- Burdall, O., Longworth, T., & Nyugen, D. (2014). Burns following attempted electrosurgical tattoo removal. *Burns*, 40(8), 61-65. doi: [10.1016/j.burns.2014.03.015](https://doi.org/10.1016/j.burns.2014.03.015)
- Carmen, R. A., Guitar, E., & Dillon, H. M. (2012). Ultimate Answers to Proximate Questions: The Evolutionary Motivations Behind Tattoos and Body Piercings in Popular Culture. *Review of General Psychology*, 16(2), 134-143. doi: [10.1037/a0027908](https://doi.org/10.1037/a0027908)
- De Rosa, A. S. & Farr, R. (2001). Icon and symbol: Two sides of the coin in the investigation of social representations. In F. Buschini & N. Kalampalikis (Orgs.), *Penser la vie, le social, la nature: Mélanges en hommage à Serge Moscovici* (pp. 237-256). Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- DeLuca, G., Grisci, C. L. I., & Lazzarotto, G. D. R. (2018). Trabalhar e tatuar-se: estratégia de inventar a vida. *Psicologia & Sociedade*, 30, e170175. doi: [10.1590/1807-0310/2018v30170175](https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30170175)
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Dickson, L., Dukes, R., Smith, H., & Strapko, N. (2014). Stigma of ink: Tattoo attitudes among college students. *The Social Science Journal*, 51(2), 268-276. doi: [10.1016/j.soscij.2014.02.005](https://doi.org/10.1016/j.soscij.2014.02.005)
- Doise, W. (2011). Sistema e Metassistema. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 123-156), Brasília: Technopolitik.
- Durkin, S. E. (2012). Tattoos, Body Piercing, and Healthcare Concerns. *Journal of Radiology Nursing*, 31(1), 20-25. doi: [10.1016/j.jradnu.2011.09.001](https://doi.org/10.1016/j.jradnu.2011.09.001)
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitudes, intention and behavior: an introduction to theory and research*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Giles-Gorniak, A. N., Vandehey, M. A., & Stiles, B. L. (2016). Understanding Differences in Mental Health History and Behavioral Choices in a Community Sample of Individuals with and without Body Modifications. *Deviant Behavior*, 37(8), 852-860. doi: [10.1080/01639625.2015.1060798](https://doi.org/10.1080/01639625.2015.1060798)
- Jennings, W. G., Fox, B. H., & Farrington, D. P. (2014). Inked into Crime? An Examination of the Causal Relationship between Tattoos and Life-Course Offending among Males from the Cambridge Study in Delinquent Development. *Journal of Criminal Justice*, 42(1), 77-84. doi: [10.1016/j.jcrimjus.2013.12.006](https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2013.12.006)
- Jodelet, D. (1984). The representation of the body and its transformations. In R. Farr & S. Moscovici (Orgs.), *Social representations* (pp. 211-238). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp.17-29). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de représentation du corps et groupes sociaux* (Vol. 1). Laboratoire de Psychologie Sociale: E. H. S. S.
- Kemp, K. (2005). *Corpo modificado, corpo livre?*. São Paulo: Paulus.
- Kierstein, L., & Kjelskau, K. C. (2015). Tattoo as art, the drivers behind the fascination and the decision to become tattooed. *Current Problems in Dermatology*, 48, 37-40. doi: [10.1159/000369180](https://doi.org/10.1159/000369180)
- King, K. A., & Vidourek, R. A. (2013). Getting inked: Tattoo and risky behavioral involvement among university students. *The Social Science Journal*, 50(4), 540-546. doi: [10.1016/j.soscij.2013.09.009](https://doi.org/10.1016/j.soscij.2013.09.009)
- Kluger, N. (2014). Tatouages et imagerie médicale : problèmes et mythes. *La Presse Médicale*, 43(5), 529-533. doi: [10.1016/j.lpm.2013.07.031](https://doi.org/10.1016/j.lpm.2013.07.031)
- Kluger, N. (2015). Pregnancies in tattooed female tattooists: an observational study. *European Journal of Obstetrics &*

- Gynecology and Reproductive Biology*, 189, 112–114. doi: [10.1016/j.ejogrb.2015.03.024](https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2015.03.024)
- Kossida, T., Rigopoulos, D., Katsambas, A., & Anderson, R. R. (2012). Optimal tattoo removal in a single laser based on the method of repeated exposures. *Journal of the American Academy of Dermatology*, 66(2), 271-277. doi: [10.1016/j.jaad.2011.07.024](https://doi.org/10.1016/j.jaad.2011.07.024)
- Macedo, S., & Paravidini, J. L. L. (2015). O ato de tatuar-se: gozo e identificação o ato de tatuar-se. *Tempo psicanalítico*, 47(2), 138-155. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200010&lng=pt&tlng=pt
- Moreira, J. de O., Teixeira, L. C., & Nicolau, R. de F. (2010). Inscrições corporais: tatuagens piercings e escarificações à luz da psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(4), 585-598. doi: [10.1590/S1415-47142010000400004](https://doi.org/10.1590/S1415-47142010000400004)
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas, *Social Cognition* (pp.181-209). London: AcademicPress.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250. doi: [10.1002/ejsp.2420180303](https://doi.org/10.1002/ejsp.2420180303)
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A representação social da psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Vozes.
- Muhr, T. (2004). *User's Manual for ATLAS.ti 5.0*. ResearchTalk Inc: Long Island.
- Netto, H. F. da (2011). *O corpo como espaço imaginativo: tatuagem, práticas sociais e simbolismo* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Pajor, A. J., Broniarczyk-Dyła, G., & Świtalska, J. (2015). Satisfaction with life, self-esteem and evaluation of mental health in people with tattoos or piercings. *Psychiatria Polska*, 49(3), 559–573. doi: [10.12740/PP/27266](https://doi.org/10.12740/PP/27266)
- Pierrat, J. (2000). *Les hommes illustrés. Le tatouage des origines a nos jours*. Paris: Larivière.
- Rouquette, M. L. (1998). Representações e práticas sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Sabino, C., & Luz, M. T. (2006). Tatuagem, gênero e lógica da diferença. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 251-272. doi: [10.1590/S0103-73312006000200007](https://doi.org/10.1590/S0103-73312006000200007)
- Samadelli, M., Melis, M., Miccoli, M., Vigl, E. E., & Zink, A. R. (2015). Complete mapping of the tattoos of the 5300-year-old Tyrolean Iceman. *Journal of Cultural Heritage*, 16(5), 753-758. doi: [10.1016/j.culher.2014.12.005](https://doi.org/10.1016/j.culher.2014.12.005)
- Schlösser, A., Camargo, B. V., Giacomozzi, A. I., & Fiorott, J. G. (2019). Ideação suicida e psicopatologia em amostra brasileira de tatuados e não tatuados. *Psicologia Argumento*, 37(97), 387-397. doi: [10.7213/psicolargum.37.97.AO06](https://doi.org/10.7213/psicolargum.37.97.AO06)
- Schlösser, A., Giacomozzi, A. I., Camargo, B. V., Silva, E. Z. P. da, & Xavier, M. (2020). Tattooed and Non-Tattooed Women: Motivation, Social Practices and Risk Behavior. *Psico-USF*, 25(1), 51-62. doi: [10.1590/1413-82712020250105](https://doi.org/10.1590/1413-82712020250105)
- Silva Junior, L. A., & Leão, M. B. C. (2018). O software Atlas.ti como recurso para a análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. *Ciência & Educação (Bauru)*, 24(3), 715-728. doi: [10.1590/1516-731320180030011](https://doi.org/10.1590/1516-731320180030011)
- Souza Filho, E. A. de (1996). A dimensão grupal/identitária na produção de representações sociais. In C. Nascimento-Schulze (Org.), *Novas Contribuições para a teorização e pesquisa em representação social* (pp.85-108). ANPEPP: Florianópolis.
- Swami, V., Tran, U. S., Kuhlmann, T., Stieger, S., Gaughan, H., & Voracek (2016). More similar than different: Tattooed adults are only slightly more impulsive and willing to take risks than Non-tattooed adults. *Personality and*

- Individual Differences*, 88, 40–44. doi: [10.1016/j.paid.2015.08.054](https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.054)
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In Z. W. G. Austin, & S. Worchel (Eds), *The social psychology of intergroup relations* (pp.33-37). Monterey, Ca: Brooks/Cole.
- Thompson, K. (2015). Comparing the psychosocial health of tattooed and non-tattooed women. *Personality and Individual Differences*, 74, 122-126. doi: [10.1016/j.paid.2014.10.010](https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.10.010)
- Tiggemann, M., & Hopkins, L. (2011). Tattoos and piercings: bodily expressions of uniqueness. *Body Image*, 8, 245-250. doi: [10.1016/j.bodyim.2011.03.007](https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2011.03.007)
- Trindade, Z. A., Santos, M. de F. de S., & Almeida, A. M. de O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 101-121), Brasília: Technopolitik.
- Ulnik, J. C. (2016). Tatuagem, linguagem artística e doença psicossomática. *Ide*, 38(61), 121-136. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062016000100011&lng=en&tlng=

Dados sobre as autoras:

- *Adriano Schlosser*: Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós Doutor em Ciências do Movimento Humano (Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil). Coordenador do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus Videira. Membro do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição - LACCOS.
- *Andréia Isabel Giacomozzi*: Doutora em Psicologia (UFSC). Pós Doutora em Psicologia (Università degli Studi di Padova - Itália). Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Vinculada ao PPGP-UFSC. Pesquisadora associada ao Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS/UFSC).
- *Brigido Vizeu Camargo*: Doutor em Psicologia Social (École des Hautes Études en Sciences Sociales). Pós Doutor em Psicologia Social (École des Hautes Études en Sciences Sociales). Professor titular do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Vinculado ao PPGP- UFSC. Membro fundador do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS/UFSC).
- *João Fernando Rech Wachelke*: Doutor em Psicologia Social e da Personalidade (Università degli Studi di Padova, Itália). Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador colaborador do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS/UFSC).

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

